



# DIÁLOGOS E TESSITURAS COM UMA SOCIOLINGUISTA: NORMA DA SILVA LOPES

ENTREVISTA

Clézio Roberto Gonçalves\*  
Valter de Carvalho Dias\*\*

O convite feito à Norma da Silva Lopes para esse diálogo se deve, sobretudo, por sua iniciativa em propor, organizar e criar o Encontro de Sociolinguística: um marco para os estudos sociolinguísticos no Brasil, a partir de suas primeiras edições em Salvador, no Estado da Bahia. Esse evento é um fórum privilegiado e já consolidado para a socialização das pesquisas sociolinguísticas, seja de natureza descritiva ou aplicada. Um evento que motiva mais pesquisas entre profissionais da área, professores, pesquisadores, estudantes de graduação e da pós-graduação das diversas regiões do país, principalmente no Nordeste. O evento, já na sua 11ª edição, além de envolver discussões sobre a teoria sociolinguística, suas vertentes e a importância dessa área da linguística para os estudos e o conhecimento, busca promover, principalmente, debates sobre resultados de pesquisas a respeito da língua portuguesa, em especial sobre a(s) variedade(s) falada(s) nos estados nordestinos, produzidos nas diversas partes do Brasil.

Além disso, essa iniciativa de se fazer uma entrevista com a pesquisadora Norma da Silva Lopes foi motivada pelo fato de a professora ter sido a personalidade

---

\*Bolsista de Produtividade do CNPq (nível 2). Pós-doutor em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/UFBA). Professor na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras (Posletras), na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, Minas Gerais. E-mail: [cleziorob@gmail.com](mailto:cleziorob@gmail.com). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-4095-6683>.

\*\*Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Simões Filho. Doutor em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLinC/UFBA). E-mail: [vcarvalho@ifba.edu.br](mailto:vcarvalho@ifba.edu.br). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-9484-552X>.

homenageada no Encontro de Sociolinguística, evento realizado de maneira remota, por motivo da pandemia da COVID 19, em sua 10ª edição. Um evento já consagrado e solidificado no cenário nacional dos estudos sociolinguísticos, considerando-se que

[...] no que diz respeito à região Nordeste do território brasileiro, o empreendimento sociolinguístico tem contribuído para a descrição de normas linguísticas nos diferentes estados dessa região, em projetos de colaboração com foco local e/ou regional. E é nessa perspectiva que contextualizamos o Encontro de Sociolinguística [...] Desde a sua idealização, o evento teve como objetivo congrega pesquisadores da área de Sociolinguística, de diferentes Instituições de Ensino Superior, para que houvesse uma discussão e socialização dos resultados dos trabalhos produzidos nessa área. (LOPES, CARVALHO e FREITAG, 2018, p. 6).

Norma da Silva Lopes é pós-doutora pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia, com bolsa sanduíche na Universidade de Macau, RAEM, na China, mestre em Letras e graduada em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é professora permanente do Programa de Pós-graduação de Estudo de Linguagens (PPGEL), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), instituição na qual se aposentou recentemente, além de ser aposentada também do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA).

E, mais ainda, a professora e pesquisadora foi convidada para essa entrevista, considerando o seu comprometimento com o trabalho e a pesquisa na área da Sociolinguística. É um compromisso generoso com a formação de seus alunos que, formalmente, está registrado, contabilizando 28 orientações de iniciação científica, 57 monografias, 17 dissertações, 03 supervisões de pós-doutoramento e 02 teses.

Segundo Gonçalves (2018, p. 32), o termo “Sociolinguística” surgiu, em 1964, como título do trabalho apresentado por Bright - *Sociolinguistics* - em um congresso realizado na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), que reuniu linguistas interessados nos estudos das relações entre língua e sociedade. Segundo o

pesquisador, a Sociolinguística deve demonstrar a covariação sistemática entre as variações linguísticas observáveis em uma comunidade e as diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade. Nesse sentido, ainda na mesma ocasião, os pesquisadores envolvidos só usaram o termo “Sociolinguística” por não terem encontrado outro que desse conta de suas reais intenções. Labov (1972, p. xiii), inclusive, declarou: “Resisti ao termo *sociolinguística* por muitos anos, pois ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não seja social\*.

De toda sorte, tal tarefa foi levada a cabo por Labov ([1966] 2006, p. viii), a partir de sua obra *The Social Stratification of English in New York City*, na qual declara que “[...] esse termo [Sociolinguística] se refere ao uso de dados de fala de uma comunidade para resolver problemas de teoria linguística [...]”<sup>†</sup>. Ele ainda explica que

Minha própria intenção era resolver problemas linguísticos, tendo em mente que estes são, em última análise, problemas na análise do comportamento social: a descrição da variação contínua, de sistemas fonêmicos sobrepostos e multicamadas; os correlatos subjetivos da variação linguística; causas da diferenciação linguística e o mecanismo de mudança linguística. (LABOV, [1966] 2006, p. viii)<sup>‡</sup>.

Os caminhos delineados por Labov suscitaram diversos trabalhos ao redor do mundo, e no Brasil encontrou um terreno fértil, angariando diversos adeptos, pois

O modelo de análise linguística elaborado por Labov serviu de base para vários estudiosos até os dias atuais, os quais convencionaram chamar de “modelo teórico-metodológico”, isso porque se trata de uma teoria que explica as diferentes formas de os falantes fazerem uso de sua língua, e utiliza-se de uma metodologia para coleta e análise de dados. (DIAS, 2010, p. 27).

---

\* Tradução livre do trecho: “I have resisted the term sociolinguistics for many years, since it implies that there can be a successful linguistic theory or practice which is not social.” (LABOV, 1972, p. xiii).

† Tradução livre do trecho: “[...] this term refers to the use of data from the speech community to solve problems of linguistic theory [...]”. (LABOV, [1966] 2006, p. viii).

‡ Tradução livre do trecho: “My own intention was to solve linguistic problems, bearing in mind that these are ultimately problems in the analysis of social behavior: the description of continuous variation, of overlapping and multi-layered phonemic systems; the subjective correlates of linguistic variation; the causes of linguistic differentiation and the mechanism of linguistic change”. LABOV, [1966] 2006, p. viii).

É nessa direção, com base nos estudos labovianos, que Norma Lopes vem desenvolvendo pesquisas, publicando artigos, ministrando aulas e minicursos, orientando seus alunos etc., como se pode constatar no diálogo, a seguir:

**Clézio Gonçalves/Valter Dias: Profa. Norma Lopes, você se define como sociolinguista? Por quê?**

**Norma Lopes:** Sim, me considero sociolinguista, pois desenvolvo pesquisas que têm como foco a variação e a mudança linguística, com o interesse de analisar a relação entre a diversidade dos usos da língua e a estrutura linguística e a social, além de contribuir na formação de novos pesquisadores, em orientação de pesquisas na área em diversos níveis. Concluí orientação de 104 estudantes nos diversos níveis (conclusão de curso de graduação, iniciação científica, especialização, mestrado, coorientação de doutorado, tendo supervisionado, além disso 03 estágios de pós-doutorado, todos em estudos sociolinguísticos, por isso, acredito que se justifica o título de sociolinguista.

“ **A Sociolinguística é uma teoria linguística que tem como objeto de estudo a relação entre língua e sociedade.** ”

**Clézio Gonçalves/Valter Dias: Como foi seu primeiro contato com essa área de pesquisa?**

**Norma Lopes:** Posso dizer que o interesse de trabalhar a diversidade linguística surgiu com a experiência com o ensino na educação básica, nos idos de 1970, com o contato com a fala popular dos alunos e a exigência da escola do trabalho com o padrão. Nesse momento, desconhecendo totalmente a possibilidade da existência de uma teoria que desse suporte a que se buscasse entender os diversos usos e se fazer pesquisa com a linguagem popular, eu já tinha o interesse de entender os usos reais, sem discriminá-los.

**Clézio Gonçalves/Valter Dias: Poderia definir rapidamente a área da Sociolinguística?**

**Norma Lopes:** A Sociolinguística é uma teoria linguística que tem como objeto de estudo a relação entre língua e sociedade. E a Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Sociolinguística Laboviana, é uma teoria linguística que investiga a variação e a mudança linguística, identificando condicionamentos para as escolhas das variantes pelos falantes e faz projeção para a mudança.

## **Clézio Gonçalves/Valter Dias: Como você avalia os caminhos trilhados pela Sociolinguística na Bahia, no Nordeste e, enfim, no Brasil?**

**Norma Lopes:** Os estudos sociolinguísticos na Bahia se iniciaram na Universidade Federal da Bahia, inseridos na pós-graduação dessa universidade, principalmente utilizando-se dados do projeto Norma Urbana Culta/Salvador (NURC/SSA), constituído na década de 1970, cujas pesquisas observaram a variação entre os falantes de escolaridade superior. Os pesquisadores eram principalmente da equipe do Prof. Nelson Rossi, que constituíram o Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963) e o Atlas Linguístico de Sergipe (1987). Dessa forma, a Sociolinguística na Bahia estava associada inicialmente a um histórico de pesquisas dialetológicas. Com a ampliação do número de instituições de ensino superior na Bahia e de cursos de Letras, e principalmente com a criação do programa de pós-graduação da UFBA, na Bahia, as pesquisas sociolinguísticas passaram a constituir novos acervos com entrevistas sociolinguísticas que passaram a analisar acervos diversos, de regiões diferentes e de diversos níveis de escolaridade. O Programa de Estudos do Português Popular de Salvador (PEPP) (LOPES; SOUZA; SOUZA, 2009), constituído entre 1998 e 2000 por pesquisadores da Universidade do Estado da Bahia e da Universidade Federal da Bahia, foi um desses acervos que possibilitou diversas pesquisas sociolinguísticas com o interesse na fala soteropolitana não universitária. Ao lado do PEPP,

foi constituído, na Universidade Estadual de Feira de Santana, o importante acervo *A língua Portuguesa no semiárido baiano* (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008), com amostras de fala gravadas em comunidades rurais do semiárido baiano. Em outros estados nordestinos, a Sociolinguística teve extensa produção impulsionada pelos professores doutores Denilda Moura (com o banco de dados da Língua Usada em Alagoas (LUAL), e Dermeval da Hora, com o acervo Variação Linguística na Paraíba (VALPB), dentre outros. Mais recentemente, a professora Raquel Freitag impulsiona a pesquisa com o Banco de Dados Falares Sergipanos e propõe uma ação-piloto de documentação linguística do Estado de Sergipe, a fim de testar a viabilidade de aplicação dos conceitos de variedades dialetais da Língua Portuguesa, crioulos e línguas afro-brasileiras, contribuindo não só para o registro, salvaguarda e difusão da diversidade linguística no território sergipano, por meio de um objeto digital, com acesso aberto e gratuito. Raquel Freitag é referência no Brasil nos estudos de 3ª onda ou Sociolinguística Estilística.

“ O PEPP foi um desses acervos que possibilitou diversas pesquisas sociolinguísticas com o interesse na fala soteropolitana não universitária. ”

**Clézio Gonçalves/Valter Dias:** Descreva, por gentileza, a origem, os objetivos, as principais motivações, os desafios e as parcerias para implementar o evento acadêmico/científico: Encontro de Sociolinguística que já está caminhando para sua 11ª edição.

**Norma Lopes:** O Encontro de Sociolinguística surgiu em 2011, da linha 2, Linguagens, Discurso e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL), subárea dos Estudos Sociolinguísticos, com objetivo de congregar pesquisadores da área para oportunizar contato entre pesquisadores e formação de novas redes de pesquisa, com vistas à divulgação de trabalhos realizados ou em andamento, estimular a pesquisa na comunidade (graduandos, mestrandos, professores e comunidade em geral), em contextos pouco atendidos pelos grandes eventos. Em 2011, o evento realizou sua primeira edição, que teve apenas 3 envolvidos em sua organização. Eram professores do programa de pesquisas sociolinguísticas (além de mim, as professoras Cristina dos Santos Carvalho e Lígia Pellon Bulhões) que, juntamente com seus orientandos do programa, organizamos o evento, motivados principalmente pela recente aprovação do projeto de

pesquisa Linguagem na Cidade: uma fotografia sócio-discursiva de Salvador, que eu coordenava. Com recursos desse projeto, conseguimos trazer para o evento durante 3 anos palestrantes para essa e as duas edições seguintes, além de financiar as respectivas publicações. Isso contribuiu para fortalecer o evento, que foi ampliando o número de participantes e de parcerias, atingindo o interesse de outros estados e regiões brasileiras.

“ O Encontro de Sociolinguística surgiu em 2011 [...] com o objetivo de congregar pesquisadores da área para oportunizar contato entre pesquisadores e formação de novas redes de pesquisa.”

**Clézio Gonçalves / Valter Dias:** Que conquistas já foram alcançadas com a realização de 10 (dez) edições do evento - Encontro de Sociolinguística?

**Norma Lopes:** Foram muitas as conquistas: (i) Estímulo a pesquisas na área, na graduação e na pós-graduação - o evento promoveu um maior entendimento das vertentes da sociolinguística, o que levou

a interesses crescentes de inserção dos estudantes de graduação em se candidatar a projetos de pesquisas sociolinguísticas (com a Iniciação Científica) e a mestrado nessa área no PPGEL; (ii) Consolidação e fortalecimento da pesquisa sociolinguística no PPGEL, em outros programas na UNEB e na Bahia como um todo; (iii) Publicações diversas na área em coautoria com outros pesquisadores de outras IES; (iv) Atração de pesquisadores em vertentes

diferentes dos estudos sociolinguísticos para estágio pós-doutoral no PPGEL. Além de o PPGEL/UNEB ter sentido esses ganhos do encontro, outros programas da UNEB também com certeza sentiram efeitos positivos dessas edições, que ocorrem em todas as instituições parceiras. A cada dois anos tem ocorrido na UNEB, no *Campus I*, e, nos anos em que não ocorre no nosso *campus*, tem ocorrido sob a presidência de uma das instituições parceiras (UEFS, UFS, UFBA, UFOP), na maior parte das edições, nos seus respectivos *campi*. Devido a essa característica, o evento passou a ser evento itinerante. Acreditamos que, dessa forma, impacta positivamente em todas as instituições envolvidas.

**Clézio Gonçalves / Valter Dias: Que desafios ainda estão por serem enfrentados e vencidos com esse evento?**

**Norma Lopes:** Um problema que tem acompanhado sempre é a falta de financiamento. Foi muito difícil manter o encontro sem qualquer suporte financeiro, por ser local, e posteriormente regional. O próximo passo do Encontro é ser um evento nacional, o que exige que haja recursos necessários, passagens, etc. para garantir espaço adequado e a participação de conferencistas de diversas partes do nosso país, com suporte mínimo necessário para que isso possa ocorrer.

Além disso, faz-se necessário garantir no mínimo uma publicação dos textos das conferências e das mesas dos pesquisadores convidados, além dos *Anais* do Encontro.

**Clézio Gonçalves/Valter Dias: Para você quais as fases necessárias para uma pesquisa sociolinguística?**

**Norma Lopes:** Uma pesquisa sociolinguística variacionista normalmente se inicia com a observação de um fenômeno variável e a decisão de querer buscar uma explicação. Considero que deve passar pelas seguintes etapas:

“ Uma pesquisa sociolinguística variacionista normalmente se inicia com a observação de um fenômeno variável e a decisão de querer buscar uma explicação. ”

- i. explicitar o fenômeno e as variantes (variável dependente);
- ii. estabelecimento de hipóteses iniciais;
- iii. em seguida há necessidade de muitas leituras sobre os antecedentes: se o fenômeno variável já foi alvo de estudos e o que os estudos disseram; e
- iv. leituras sobre a teoria da variação;
- v. definição da comunidade a ser observada e a estratificação social que deverá ter de forma a testar as hipóteses sobre questões sociais;
- vi. definição das variáveis linguísticas, a partir das hipóteses e das pesquisas já realizadas;

- vii. definição inicial dos fatores de cada variável;
- viii. coleta de dados;
- ix. codificação dos dados;
- x. análises estatísticas.
- xi. interpretação dos resultados à luz da teoria;
- xii. comparação com resultados de outras pesquisas.

Essa ordem pode sofrer alguma mudança, orientada pelos próprios dados ou por leituras. Nada é tão rígido que não permita ajustes.

**Clézio Gonçalves/Valter Dias: Poderia falar um pouco da importância, e também da dificuldade para se trabalhar em grupo nas atividades acadêmicas e, sobretudo, de pesquisa?**

**Norma Lopes:** Pra começar, é importante falar sobre a necessidade do trabalho em grupo. O trabalho de pesquisa isolado apenas traz como resultado uma parte de uma possível análise muito mais completa, resultado de um trabalho a várias mãos. É imprescindível que o pesquisador busque, em qualquer área, estar inserido em uma rede de pesquisa, para que os resultados sejam somados e que se consiga chegar a resultados consistentes. Claro que nem sempre é fácil o trabalho em grupo, principalmente quando os objetivos não são assumidos por todos. Mas com certeza o trabalho individual, além de mais difícil, é muito menos produtivo.

**Clézio Gonçalves/Valter Dias: Que contribuições a Sociolinguística pode dar ao ensino?**

**Norma Lopes:** A Sociolinguística promove uma mudança de postura da escola frente aos usos linguísticos variáveis. Aos poucos, tem havido um interesse crescente pelo conhecimento e entendimento do que há algum tempo era só visto como erro. O processo é lento, mas tem-se percebido a coexistência de duas posturas, a tradicional, com o preconceito, e outra, mais aberta às diversas possibilidades de dizer a mesma coisa. O retorno aos estudos de muitos professores da educação básica, em cursos de pós-graduação, tem dado um perceptível início de mudança na escola, mas ainda incipiente.

“ A Sociolinguística promove uma mudança de postura da escola frente aos usos linguísticos variáveis. Aos poucos, tem havido um interesse crescente pelo conhecimento e entendimento do que há algum tempo era só visto como erro. ”

**Clézio Gonçalves/Valter Dias: Como referência que é para os pesquisadores/professores mais jovens, que conselhos tem a dar aos que querem se iniciar nessa área de estudo e de pesquisa: Sociolinguística?**

**Norma Lopes:** A quem pretende se iniciar na área dos estudos sociolinguísticos eu diria que essa é talvez a única área da linguística que tem um grande potencial de dar, através do entendimento teórico da área, força e dignidade a todos que utilizam a língua, nas suas diversas variedades. Eu não vejo esse papel social em outra vertente linguística. O pesquisador em estudos sociolinguísticos tem uma função social, que dá poder ao falante, não tira, e essa é uma função libertadora.

**Clézio Gonçalves/Valter Dias: Algo mais a dizer?**

**Norma Lopes:** Sim. Tenho a dizer que a escolha pelo caminho da pesquisa Sociolinguística é trabalhosa, mas muito prazerosa. É uma tomada de posição a favor do falante. Só tenho a agradecer o convite.

“O pesquisador em estudos sociolinguísticos tem uma função social, que dá poder ao falante, não tira, e essa é uma função libertadora.”

Norma da Silva Lopes, além de generosamente contribuir com esse diálogo, é conhecida por seu jeito de cativar os estudantes, por seu despojamento e generosidade no compartilhar saberes, distribuir atenção e carinho. Isso se comprova já no primeiro contato dos autores da entrevista, quando fizeram o convite à professora e pesquisadora. Além disso, no evento que ela carinhosa e organizadamente criou – Encontro de Sociolinguística, ela sempre distribui respeito, afeto e carinho, num lugar tão carente dessas qualidades: a Universidade.

---

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Norma Lúcia; CARNEIRO, Zenaide (orgs.). **Amstras da língua falada no seminário baiano**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana/FAPESB, 2008.
- BRIGHT, William. As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella, NEVES, Moema (org.) **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 17-23.
- DIAS, Valter de Carvalho. **Você, a gente et alia indeterminam o sujeito em Salvador**. 2010. 199 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.
- FERREIRA, Carlota et al. **Atlas Linguístico de Sergipe**. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- GONÇALVES, Clézio Roberto. **Uma abordagem sociolinguística dos usos das formas você, ocê e cê no português**. 349 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. 2.ed. Cambridge, UK: Cambridge University Press, [1996] 2006.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia, USA: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LOPES, Norma da Silva; CARVALHO, Cristina dos Santos; FREITAG, Raquel Meister Ko. Variação linguística e ensino: a contribuição dos encontros de sociolinguística. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 12, n. especial, p. 5-12, dez. 2018.
- LOPES, Norma da S., SOUZA, Constância Maria B. de, SOUZA, Emília Helena P. M. de. **Um estudo da fala popular de Salvador: PEPP**. Salvador: Quarteto, 2009.
- ROSSI, Nelson. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1963.

